

Crise leva mais gente à mendicância

Compelidas pela miséria, muitas pessoas que não vivam antes de mendicância, aumentam atualmente o número daqueles que perambulam pelas ruas. Este é o caso de Marilda, 11 anos, e seu irmão, Marildo, 9, que moram no calçadão da Rua Sete de Setembro, centro, acompanhados pela mãe, também chamada Marilda, com problemas nervosos e que não aceita nem dinheiro nem a aproximação de estranhos de seus dois filhos.

Também Carlos Roberto Brasil, 22 anos, que já trabalhou até como ajudante de pedreiro, mora atualmente na escadaria em frente ao Palácio Anchieta. Brasil se alimenta do que lhe é doado pelos comerciantes das redondezas e até se diz satisfeito com sua "casa", feliz por ser "vizinho" do Governo do Estado: "O Palácio é muito bonito", diz ele.

Só alimento

A família de Marilda veio de Manhumirim, Minas Gerais, e há um mês vive na Rua Sete. A mãe não aceita dinheiro, mas alimentos e água dados pelos comerciantes são bem-recebidos. "Não preciso de esmolas", diz a mãe Marilda, enquanto o comerciante José Henrique da Silva explica que a mulher chega a ser rispida quando alguém lhe oferece dinheiro.

Famílias pedem área em Cariacica

O movimento em defesa da moradia de Cariacica organizou uma passeata até a sede da Prefeitura, para reivindicar a desapropriação por parte do poder público de uma nova área para abrigar as famílias sem teto. O prefeito Vasco Alves, porém, não se encontrava no prédio da Prefeitura, segundo sua assessoria, e os manifestantes acabaram frustrados, ontem, no início da noite.

A presidente do movimento de moradia de Cariacica, Elmar Barbosa do Rosário, contou que a Prefeitura vem fazendo uma política de distribuição de lotes às famílias de baixa renda do município. O poder público adquire um terreno, que é entregue à entidade dos sem teto para posterior distribuição dos lotes às famílias cadastradas. Todo o processo de cadastramento é feito pelo movimento de moradia, que já possui 4.000 inscritos na fila dos que buscam seu pedaço de chão.

O déficit de moradia, há três anos, em Cariacica, era de 40 mil unidades, segundo Elmar, mas ela acredita que este número tenha triplicado, devido ao aumento da população do município, especialmente dos carentes. No mês de janeiro do ano passado, a Prefeitura comprou um terreno de 350 mil metros quadrados de área, localizado entre os bairros Jardim Campo Grande e Castelo Branco. Naquela época, o prefeito desembolsou Cr\$ 980 mil dos cofres públicos. Nesta área, já existem cerca de 200 barracos, embora o número de lotes distribuídos totalizassem os



Foto de Chico Guedes

Mostrando hábitos higiênicos, Marilda só aceita comida para os filhos

Ao ser abordados, os filhos de Marilda contam que vieram a pé de Manhumirim, onde tinham uma casa, que lhes foi tomada. A menina explica ainda que o destino da família é o Rio de Janeiro. Ela conta que sua mãe é muito nervosa e, mostrando educação e hábitos de higiene, conversa com desembaraço. O comerciante Lauro José Andrade observa que as crianças de Marilda são saudáveis e apresentam inexperiência na condição de mendicância.

Carlos Brasil morava em São Cristóvão, já foi ajudante de pedreiro e atualmente está desempregado. Ele mora na escadaria em frente ao Palácio Anchieta há um mês e garante que cuida muito bem do cantinho que escolheu para ficar. Brasil só se queixa do desemprego e considera importante não ter sido importunado

por ninguém até agora. Ele agradece aos comerciantes o alimento que eles lhe dão e diz que nunca ganhou dinheiro porque nunca pediu. Tomando banhos no chafariz da escadaria, Brasil conta ainda que saiu "corrido" de São Cristóvão porque disse "umas gracinhas para uma menina", tendo levado uma surra do pai e do namorado da moça.

Enquanto isto, sob a Segunda Ponte, Celma Soares, 17 anos, seu marido e mais um casal que veio de Cabo Frio, Rio de Janeiro, fazem artesanato para vender na Praça Costa Pereira. Celma diz que há quatro meses eles vieram para Vitória e garante que não vivem de mendicância. "Nós somos hippies", classifica ela. Celma e o marido são de Nanuque e ela lembra que vive pelas ruas desde os 5 anos, quando sua mãe morreu.

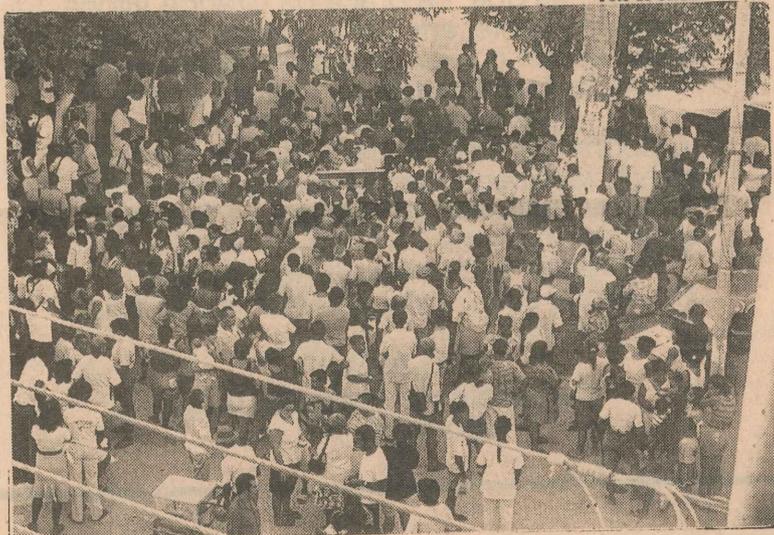


Foto de Carlito Medeiros

Em Campo Grande, os manifestantes não conseguiram falar com o prefeito

1.000. O loteamento é conhecido como "Padre Gabriel Felix". As famílias que tiverem uma renda comprovada de até cinco salários mínimos podem ser cadastradas, apesar da clientela do movimento de moradia, na maioria, ser de pessoas com dois salários mínimos como rendimento e sem comprovação.

O secretário municipal do Planejamento, Juca Alves, disse ontem que a Prefeitura chegou a contratar um projeto para construir um conjunto habitacional no terreno que adquiriu no ano passado. Ela entrou com pedido de financiamento junto à Caixa Econômica Federal, segundo Juca, mas o

movimento pela moradia viu que não tinha condições para arcar com o custo das habitações, que era alto, assim como as prestações a serem cobradas.

Juca disse que a Prefeitura comprometeu-se com as obras de infra-estrutura no terreno entregue às comunidades, tais como luz, água, esgoto. Ele não soube dizer quando estes trabalhos serão iniciados. A Prefeitura está colaborando com as famílias sem teto, que estão construindo suas casas em regime de mutirão. Para isso, ela forneceu uma máquina de fabricar tijolos e tratores para a abertura de ruas.